

COMUNHÃO NA IGREJA

Comunhão na Igreja: Sumário

Notas -

AULA N° 1:

- I. Introdução.
- II. Comunhão na Igreja Primitiva.
- III. A Necessidade, Natureza e Negligência da Comunhão na Igreja:
 - A. Introdução à Secção nº 3.

AULA N° 2:

- III. A Necessidade, Natureza e Negligência da Comunhão na Igreja: (cont.)
 - B. A Necessidade de Comunhão na Igreja.

AULA N° 3:

- III. A Necessidade, Natureza e Negligência da Comunhão na Igreja: (cont.)
 - C. A Natureza da Comunhão na Igreja.
 - D. A Negligência da Comunhão na Igreja.

AULA N° 4:

- III. A Necessidade, Natureza e Negligência da Comunhão na Igreja: (cont.)
 - D. A Negligência da Comunhão na Igreja. (cont.)
 - E. Conclusão.
- IV. Uma aplicação para os dias de hoje: Comunhão Cristã e Tribalismo.
 - A. Apresentação.
 - B. Lealdade.
 - C. Implicações de **Uma** Família.

AULA N° 5:

- IV. Uma aplicação para os dias de hoje: Comunhão Cristã e Tribalismo. (cont.)
 - D. A Ceia do Senhor.
- Avaliação.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Comunhão na Igreja: Avaliação

Perguntas possíveis de 20 valores

- 1) Descreva o partilhar da comunhão referindo-se a “partilhar para dentro”, “partilhar para fora” e “partilhar com” (págs. 156, 157).
- 2) Explique como a comunhão é crucial e essencial no testemunho da Igreja (pág. 167-170).
- 3) Descreva de que forma a comunhão está baseada no relacionamento (págs. 181-184).
- 4) Explique como o medo da confissão impede o relacionamento (págs 188-190).
- 5) Utilizando o conceito do “corpo UNO de Cristo”, promova a comunhão na Igreja (págs 199-200).
- 6) O que significa “indignamente” em 1Co 11:27 (págs. 203-205)?

Perguntas possíveis de 10 valores

- 1) Em breves palavras, descreva um dos “segredos” da comunhão na Igreja Primitiva (págs. 157-159).
- 2) Enumere três passagens bíblicas que ofereçam instruções “mutuamente” (pág. 165).
- 3) Em breves palavras, explique as implicações do facto de o termo “santo” ser sempre plural (pág. 171).
- 4) Qual é o significado de “koinonia” (págs. 179-180).
- 5) Enumere e explique, em breves palavras, dois impedimentos gerais à comunhão (pág. 185).
- 6) Cite três medos específicos que impedem a comunhão (págs. 185-188).
- 7) Em breves palavras, comente esta declaração: Não temos de criar comunhão; já somos uma comunhão (pág. 192).
- 8) Defina “tribalismo” (págs. 194-195)
- 9) Com base em Ef 2:11-22, argumente contra o preconceito (pág. 199).
- 10) Cite três bases para a divisão na Igreja de Corinto (pág. 201-202).
- 11) O que significa “não discernindo o corpo” em 1Co 11:29 (pág. 206)?
- 12) Qual a solução para os problemas do “tribalismo” (pág. 207)?

COMUNHÃO NA IGREJA

I. Introdução.

Notas -

A. O Poder da Comunhão (Partilha e União)

1. Durante a 2ª Guerra Mundial, os cientistas de Adolf Hitler realizaram experiências para encontrar o tipo de castigo ou tortura mais eficaz para retirar informações aos prisioneiros.
 - a. Eles descobriram que o isolamento do prisioneiro era a forma mais eficaz de tortura. Após algumas semanas no isolamento, a maioria dos prisioneiros colaborava com o inimigo.
 - b. Comunhão significa simplesmente “partilha e união”.
 - c. O homem tem uma profunda necessidade de comunhão. De facto, a comunhão é mais do que uma necessidade. É uma componente básica da vida humana. Precisamos interagir socialmente. Sem comunhão, morreremos.
 - 1) Alguns estudos têm revelado que bebés recém-nascidos são mais adversamente prejudicados com a falta de contacto humano do que com a falta de comida.
 - 2) Um bebé recém-nascido vive mais tempo sem comida do que sem contacto humano.
2. O isolamento (falta de partilha e união com outras pessoas) resultava em fraqueza. O prisioneiro cedia à tentação e abandonava o seu próprio valor de lealdade.
 - a. Da mesma forma, os cristãos que têm falta de comunhão espiritual com outros cristãos enfraquecerão e abandonarão inevitavelmente os seus valores, acabando por ceder às tentações do inimigo.
 - b. A necessidade que os cristãos têm de comunhão espiritual uns com os outros é mais do que uma necessidade. É uma componente básica da vida humana. Sem ela, o cristianismo não pode subsistir porque não pode ser praticado na sua plenitude.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- c. A vida espiritual morre quando não há comunhão espiritual com os outros. Nenhum cristão pode ficar de pé sozinho. Deus formou o **povo** de Deus e não apenas a **pessoa** de Deus. O Seu objectivo é ter uma **família**, não somente um **indivíduo**.

Ponto para discussão

Dirija um breve debate sobre os efeitos do isolamento na vida de um cristão e como a comunhão com outros crentes ajuda a superar estes efeitos.

B. O conteúdo deste curso.

1. A necessidade de comunhão na Igreja não significa automaticamente que haja comunhão na Igreja ou que seja fácil praticar essa comunhão.
2. Desde os primórdios da Igreja, podemos ver que a vida na família de Deus nem sempre é praticada da maneira como deveria ser. É difícil viver-se numa família tão grande e darem-se sempre bem todos os membros.

Comentário do autor:

Há uma “pitada” de realidade nas palavras do seguinte poema:

Viver no Céu como os santos que amamos,
Oh, isto certamente é a glória.
Mas viver na Terra com os santos que conhecemos,
Bem, isto já é outra história.

COMUNHÃO NA IGREJA

3. Este curso está dividido em três partes:
- a. Um breve estudo sobre a comunhão na Igreja Primitiva.
 - b. Um estudo mais extenso sobre a teologia da comunhão de acordo com a Bíblia. Concentrar-nos-emos em três pontos.
 - 1) A **Necessidade** da comunhão na Igreja.
 - 2) A **Natureza** da comunhão na Igreja.
 - 3) A **Negligência** da comunhão na Igreja.
 - c. Uma aplicação para os dias de hoje dos princípios da comunhão na Igreja aos problemas do tribalismo africano, na igreja em África. Consideraremos, aqui, como o conceito de comunhão na Igreja pode ser a cura para uma doença espiritual comum na Igreja em zonas tribais.

Notas -

II. Comunhão na Igreja Primitiva.

A. O Testemunho da Comunhão.

1. Luciano (120-200 A.D.) foi um escritor grego muito famoso que viveu nos dias da Igreja Primitiva. Ele não era cristão, mas ao observar a grande comunhão entre os cristãos, escreveu as seguintes palavras:

“É inacreditável ver o fervor com que as pessoas daquela religião se ajudam mutuamente nas suas necessidades. Eles não poupam nada. O seu primeiro legislador incutiu-lhes nas suas mentes que são irmãos.”¹
2. Luciano era um céptico, mas não podia ignorar o facto de que os cristãos eram sinceros na comunhão que tinham uns com os outros.
3. A comunhão sincera entre os cristãos era um grande testemunho da Igreja Primitiva. Devemos indagar-nos hoje: “Será que a comunhão que temos nas nossas igrejas está a produzir um testemunho positivo para os incrédulos?”
4. Mais adiante veremos que a comunhão e o evangelismo estão directamente relacionados.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Ponto para discussão

A comunhão na nossa igreja é diferente da comunhão na Igreja Primitiva? Caso afirmativo, o que acha que mudou?

B. O partilhar da comunhão.

1. Partilhar **para dentro**.

- a. Os cristãos na Igreja Primitiva entendiam que era a sua comunhão com Deus que constituía a base da sua comunhão uns com os outros (1Jo 1:1-4).
- b. A comunhão com os outros era baseada na fé **comum** na divindade de Jesus Cristo.
- c. Tinham em **comum** aquilo em que criam e que partilhavam entre si (para dentro). (Ver Jd 3 e Ti 1:4).

2. Partilhar **para fora**.

- a. Os cristãos na Igreja Primitiva tinham também em **comum** as coisas que partilhavam com os que estavam fora da Igreja.
- b. Davam (partilhavam com os de fora) o mesmo Evangelho (Lc 5:10).
- c. Eles tinham uma responsabilidade **comum** em partilhar os seus bens materiais com os necessitados.

COMUNHÃO NA IGREJA

3. Partilhar **com**.

- a. Os cristãos na Igreja Primitiva **partilhavam** uns **com** os outros responsabilidades e relacionamentos recíprocos (ver Fp 4:15 e Rm 15:27).
- b. Considere Rm 1:11, 12.
 - 1) Havia um relacionamento de “dar” e “receber” no meio da comunidade cristã.
 - 2) A palavra mais importante neste contexto é “mutuamente” (em grego: “alaython”). A prática da comunidade na Igreja era baseada numa série de ordenanças do Novo Testamento que incluíam este termo.
 - 3) Os cristãos deviam fazer certas coisas “uns para os outros”; deviam dar e receber. Deviam “partilhar com”, mutuamente. Estudaremos as ordenanças do “uns aos outros” mais detalhadamente noutra ponto deste curso.

Notas -

C. Os Aspectos-Chave da Comunhão.

1. Todos os cristãos tornaram-se testemunhas.
 - a. Era comumente aceito e entendido que um cristão era uma testemunha. A prática comum do “testemunhar”, de dar testemunho público de Cristo naturalmente formou relacionamentos fortes entre os cristãos.
 - b. Isto é verdadeiro ainda hoje. A comunhão numa igreja é fortalecida quando o evangelismo é uma das prioridades dos seus membros.

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

2. Proprietários tornavam-se mordomos.
 - a. Havia uma renovação da mente na área financeira e das propriedades. Os cristãos entendiam que Deus possuía tudo. Eles viam-se a si próprios como mordomos das coisas materiais. Isto, obviamente, afectava grandemente a sua comunhão. Era muito mais fácil para eles partilhar as suas coisas porque tinham a perspectiva de um mordomo.
 - b. Isto é verdadeiro ainda hoje. Quanto mais nos vemos como mordomos, mais provavelmente partilharemos. Partilhar é a essência da comunhão.

Insira a sua ilustração:

3. O interesse próprio perdia-se devido a uma paixão santa por Jesus.
 - a. A Cruz era abraçada. O Cristãos primitivos entendiam que a vida cristã significava levar a sua cruz diariamente. Eles abandonaram as suas próprias vidas. É muito mais fácil partilhar (comunhão) com outros quando nos abandonamos a nós próprios.
 - b. Isto é verdadeiro ainda hoje. A Cruz liberta-nos para termos uma comunhão sincera. A comunhão direcciona-se para os outros. A direcção da Cruz é rumo aos outros. A Cruz e a comunhão são irmãs.

COMUNHÃO NA IGREJA

Insira a sua ilustração:

Notas -

4. Eles agiam em células.

- a. Os cristãos primitivos entendiam que, sem haver células, a comunhão tornar-se-ia simplesmente numa teoria (ou apenas uma ideia). Eles praticavam o seu cristianismo no contexto da Igreja em pequenas células. A sua comunhão era real e eficaz.
- b. Isto é verdadeiro ainda hoje. Não podemos ter o relacionamento íntimo que o Novo Testamento nos ordena no meio de centenas de pessoas. De alguma maneira, devemos ser parte de um grupo mais resumido de forma a podermos verdadeiramente (não teoricamente) praticar a comunhão.

Ponto para discussão

Utilizando os conceitos anteriores, promova um debate acerca dos aspectos-chave da comunhão: Testemunho, ser-se mordomo, negar-se a si próprio e comunhão em células.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

III. A Necessidade, a Natureza e a Negligência da Comunhão na Igreja

A. Introdução à 3ª parte

1. Estude Sl 133:1.

- a. Por que razão os cristãos escolheriam não aproveitar a bênção e a alegria da comunhão?
- b. Talvez a verdadeira pergunta seja: “Será mesmo possível para um cristão negar a bênção e a alegria da comunhão? A comunhão é apenas uma opção na vida cristã?”
 - 1) A resposta bíblica a esta pergunta é ‘não’. A comunhão não é uma opção, mas um mandamento.
 - 2) Portanto, o salmo 133 termina com estas palavras: “Porque ali o Senhor ordena a bênção”.

2. A renovação da nossa mente.

- a. Alguns cristãos pensam que o tipo de comunhão existente na Igreja do Novo Testamento é um aspecto “radical” do cristianismo.
 - 1) Todavia, as passagens do Novo Testamento não dizem isso. Os relatos acerca desta forma “radical” de cristianismo são apresentados como se tratando de algo “normal”. A forma de comunhão neo-testamentária era “normativa”, não “radical”.
 - 2) Por exemplo, Actos 2:44 é apresentado de maneira bastante natural. Não ficamos com a ideia de que lhes era imposto um tipo de comunhão. Trata-se da comunhão que advém do facto de compreendermos que nos tornámos membros da mesma família.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Ilustração do autor:

Um irmão não pode dizer à sua irmã: “Vamos tentar organizar uma família. Podemos arranjar uma mãe, um pai e um irmãozinho para fazer uma família.”

A família não pode ser “montada” humanamente; ela é divinamente nomeada.

Um pai perguntou à sua filha: “Estás contente que o Joaquim seja teu irmão?”. A rapariga respondeu: “Bem, na verdade, eu não tive escolha.”

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- b. A nossa mente deve ser renovada quanto à nossa família espiritual.
 - 1) A comunhão não é uma opção na Igreja. É um requisito.
 - a) É um requisito para a obediência a Deus.
 - b) É um requisito para que possamos crescer no nosso relacionamento com Deus.
 - 2) O partilhar que vemos na comunhão da Igreja do Novo Testamento não é “radical”.
 - a) Sim. Comparado com a comunhão que há no mundo, é radical.
 - b) Porém, relativamente à Bíblia, é normativo.
 - 3) Os membros da Igreja devem renovar as suas mentes para entender e aceitar as implicações dos requisitos pertinentes à vida em família. Os membros de uma família passam tempo juntos e partilham coisas. Os membros de uma família partilham as suas vidas uns com os outros.

Ponto para discussão

Discuta acerca da necessidade de comunhão e os obstáculos que impedem uma comunhão real e verdadeira na sua igreja.

B. A necessidade de comunhão na Igreja.

- 1. A comunhão é um **requisito** para uma vida cristã bem sucedida. É uma **prioridade** na vida de um cristão.
 - a. **Um requisito.**
 - 1) Ralph Martin escreve no seu livro The Family and The Fellowship, o seguinte:

numa
exigidos e, ao
nosso melhor.”²

“A nova vida em Cristo requer um contexto social para a sua manutenção e maturidade. A vida cristã somente é possível numa rede de relacionamentos interpessoais que nos são exigidos e, ao mesmo tempo, nos convidam a contribuir com o nosso melhor.”²

COMUNHÃO NA IGREJA

- 2) Em Ef 4:15, 16, Paulo aponta para o Corpo de Cristo como sendo o veículo através do qual os cristãos amadurecem.
- 3) O conceito do Corpo de Cristo supõe e exige interacção (comunhão) entre os seus vários membros (Pv 27:17).
- 4) O conceito do Corpo de Cristo é coerente com o conceito de sinergia.
 - a) Sinergia é o fenómeno que resulta do facto de o todo ser maior do que o total das partes (Ec 4:9-12).
 - b) É a consequência do trabalho de um evangelista juntamente com um professor. A combinação dos seus ministérios é maior do que o total de cada um dos ministérios individualmente. Eles complementam-se e acrescentam ao ministério um do outro.
 - c) A sinergia requer comunhão.

Notas -

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- 5) A Igreja é o ajuntamento dos “chamados” (Esta é a tradução da palavra grega para ‘igreja’, ekklesia no Novo Testamento.)
 - a) Quando Paulo escreve aos que “foram chamados”, em Ef 4:1, isto insere-se no contexto das instruções dadas em 4:2.
 - b) Ler Ef 4:2.
 - (1) Ser chamado (para estar na Igreja) implica necessariamente comunhão com os outros que também “foram chamados”.
 - (2) A comunhão torna-se um requisito óbvio quando começamos a ver a natureza de muitas das instruções que são dadas à Igreja.
 - (3) Como no caso de Ef 4:2, muitas das instruções dadas à Igreja implicam reciprocidade; ou seja, tudo deve ser com base no “alaython” (uns aos outros).

Ponto para discussão

Estude o seguinte diagrama de instruções do tipo “uns aos outros” encontradas no Novo Testamento. Utilize o diagrama para desafiar os alunos. Pergunte-lhes se estão realmente a fazer aquilo que lhes é exigido como cristãos. Lembre-lhes que uma instrução do tipo “uns aos outros” exige a prática da comunhão.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

REQUISITOS “UNS AOS OUTROS”	REFERÊNCIA BÍBLICA
Dedicarmo-nos UNS AOS OUTROS	Rm 12:10
Preferirmo-nos em honra UNS AOS OUTROS	Rm 12:20
Termos a mesma mente UNS PARA COM OS OUTROS	Rm 12:16
Aceitarmos UNS AOS OUTROS	Rm 15:7
Admoestarmos UNS AOS OUTROS	Rm 15.14
Saudarmos UNS AOS OUTROS (afecto)	Rm 16.16
Esperarmos UNS PELOS OUTROS (cortesia, respeito)	1Co 11:33
Cuidarmos UNS DOS OUTROS	1Co 12:25
Servirmos UNS AOS OUTROS	Gl 5:13
Levarmos as cargas UNS DOS OUTROS	Gl 6:2
Exortarmos-nos e edificarmos-nos UNS AOS OUTROS	1Ts 5:11
Vivermos em paz UNS COM OS OUTROS	1Ts 5:13
Procurar sempre o bem UNS DOS OUTROS	1Ts 5:15
Suportarmos-nos UNS AOS OUTROS	Ef 4:2
Sermos benignos UNS PARA COM OS OUTROS	Ef 4:32
Sujeitarmos-nos UNS AOS OUTROS	Ef 5:21
Suportamo-nos e perdoarmos-nos UNS AOS OUTROS	Cl 3:13
Confessarmos os nossos pecados UNS AOS OUTROS	Tg 5:16
Orarmos UNS PELOS OUTROS	Tg 5:16
Amarmos-nos UNS AOS OUTROS	1Pe 1:22
Sermos hospitaleiros UNS PARA COM OS OUTROS	1Pe 4:9
Sermos humildes UNS PARA COM OS OUTROS	1Pe 5:5
Termos comunhão UNS COM OS OUTROS	1Jo 1:7

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

da

6) David Watson diz no seu livro Called and Committed, o seguinte:

“Este sentido de comunidade cristã para todos os discípulos era tão forte e fundamental no primeiro século que a salvação fora igreja era considerada impossível.”³

a) Era a realidade deste tipo de compromisso com a comunhão que criava um forte sentido de algo radicalmente novo e diferente.

(1) A comunhão era uma aspecto visível e necessário da Igreja.

(2) A compreensão de “Igreja” dos cristãos primitivos ter-se-ia desfeito sem este forte sentido de comunhão.

b) A necessidade de comunhão na Igreja Primitiva é compreendida plenamente em 1Co 5.

(1) Ser-se excluído da comunhão representava a forma mais severa de disciplina.

(2) Para que este tipo de disciplina seja eficaz, é necessário que haja comunhão. É um requisito lógico.

Ponto para discussão

Utilizando os conceitos anteriores acerca do requisito da comunhão, promova mais um debate e tente responder perguntas.

COMUNHÃO NA IGREJA

b. Uma prioridade.

- 1) Howard Snyder, no seu livro The Community of the Kind,⁴ aponta para as quatro seguintes verdades bíblicas que deverão estabelecer a prioridade da comunhão.
 - a) O conceito do povo de Deus.
 - b) O modelo de Cristo com os Seus discípulos.
 - c) O exemplo da Igreja Primitiva.
 - d) Os ensinamentos explícitos de Jesus e dos apóstolos.
2. John Wesley (o fundador do movimento metodista) não conseguia ver qualquer alternativa à formação de pequenos grupos ao considerar as implicações das quatro verdadeiras acima. A comunhão era o fulcro dos avivamentos que se deram através do seu movimento.
3. Howard Snyder sugere que Jesus tenha passado mais tempo a preparar uma comunidade de discípulos do que a proclamar o Evangelho⁵. De facto, a comunhão deve ser uma prioridade na vida cristã.

Ponto para discussão

Utilize os conceitos anteriores para debater acerca da prioridade da comunhão.

2. A comunhão é **crucial** para vida da Igreja. Ela é **essencial** no testemunho da Igreja.
 - a. **Crucial.**
 - 1) A Igreja é o corpo através do qual Jesus continua a trabalhar na Terra.
 - 2) A comunhão não é simplesmente um peso extra a ser transportado sobre o corpo.

Notas -

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- 3) A comunhão é como os ligamentos e os tendões que unem as diferentes partes do corpo.
 - a) Sem ligamentos, o corpo não pode manter-se unido. Sem comunhão, a Igreja se desfará.
 - b) Para que o corpo continue a funcionar, as suas partes deverão permanecer ligadas. Para que a Igreja continue a funcionar devidamente, os seus membros devem permanecer em união. Devem estar ligados uns aos outros. Isto dá-se através da comunhão.

Insira a sua ilustração:

b. Essencial.

- 1) David Watson escreve:

“Vivemos numa era de insignificância pessoal e de grande solidão. Mais do que nunca, a Igreja precisa de reconquistar a prioridade da comunhão no discipulado cristão.”⁶

- a) Watson é bastante claro. A Igreja tem uma grande oportunidade. O mundo deixou muitas pessoas sozinhas e famintas de uma comunhão verdadeira.
- b) A Igreja é a única coisa que pode preencher plenamente este vazio na vida das pessoas.

COMUNHÃO NA IGREJA

2) Comunhão e evangelismo.

Notas -

a) A comunhão é o alvo final do evangelismo.

- (1) O alvo principal não é a conversão de pessoas, nem mesmo discipular pessoas . O alvo principal do evangelismo é trazer outros para a família de Deus. É trazer outros para o Corpo de Cristo e integrá-los na comunhão deste mesmo Corpo.
- (2) Jesus veio edificar a Sua Igreja. Ele veio formar um povo (comunidade) de Deus. De facto, este deve ser o nosso principal alvo e motivação no crescimento **bíblico** da Igreja .

b) A comunhão é a base do evangelismo.

- (1) Devemos ter algo a oferecer às pessoas.
- (2) Watson escreve:

“Até que o Reino de Deus possa ser demonstrado nos nossos relacionamentos de amor uns para com os outros, não temos nada de credível a dizer a um mundo incrédulo e desfeito.”⁷

- (3) Jo 13:35 revela que o nosso amor uns para com os outros é a prova ao mundo de que somos filhos de Deus.
- (4) A nossa credibilidade (e, portanto, a credibilidade do Evangelho) depende de quão bem conseguimos demonstrar amor uns aos outros.
 - a) Se o mundo não nos vir demonstrar amor uns para com os outros, então como acreditará na nossa mensagem acerca do amor?
 - b) A natureza de Deus é a Trindade e a essência da Trindade é a comunhão.
 - c) Se a Igreja deseja apresentar um Deus de comunhão, ela deve demonstrar o mesmo espírito de comunhão.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Ilustração do autor:

Um negócio que não existe não pode ser promovido pela publicidade porque é um negócio inexistente.

O Evangelismo sem uma comunidade correspondente é como uma publicidade sem um negócio correspondente.

O cliente é atraído ao negócio por causa da publicidade. Porém, quando chega ao local indicado pela publicidade, descobre que o negócio não existe. A isto chama-se publicidade enganosa.

Infelizmente, o mesmo se passa por vezes com o cristianismo. O novo convertido ouve o evangelismo e é atraído à igreja. Porém, ao chegar à igreja, apercebe-se de que a família de Deus que era parte da “publicidade” (evangelismo) é fria e não lhe dá qualquer atenção. Ele poderia dizer em alto e bom som: “**publicidade enganosa**”.

Insira a sua ilustração:

Ponto para discussão

Discuta como a comunhão é crucial para a vida dentro da igreja e essencial para o testemunho da igreja. Responda a quaisquer perguntas.

COMUNHÃO NA IGREJA

3. A comunhão é **assumida** na Palavra de Deus e é **inerente** ao Seu plano.

Notas -

a. **Assumida.**

- 1) No Novo Testamento, a Bíblia refere-se aos crentes como “santos”.
 - a) Das 62 vezes em que esta referência é usada, 61 vezes a palavra “santo” está no plural.
 - b) Um exemplo é quando Paulo diz em Fp 4:21 “saudai todos os santos”.
- 2) A Bíblia pressupõe a comunhão dos crentes; ela presume a pluralidade do povo de Deus.
 - a) A Bíblia pressupõe que o povo de Deus é um grupo, não um indivíduo.
 - b) Ela pressupõe que a Igreja é uma comunidade vivendo em comunhão e não uma comunidade individual.

b. **Inerente.** A comunhão é inerente a quem somos no plano de Deus em três aspectos.

- 1) A comunhão é inerente a quem somos na criação.
 - a) Estudar Gn 1:26.
 - (1) Repare nas palavras “à nossa imagem”.
 - (2) Naturalmente “nossa” refere-se à Trindade. Lembre-se que a essência da Trindade é o relacionamento. A Trindade é a manifestação da comunidade perfeita (comunhão). Teremos sido criados “à nossa imagem (ou seja, da Trindade)” é sermos criados à imagem de uma comunhão perfeita.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- b) Estudar Gn 1:27.
 - (1) Porque tudo isto é verdadeiro, o homem foi criado como uma comunhão. Ele foi criado “macho” e “fêmea”.
 - (2) Sozinho, o homem estava incompleto. Assim, Deus criou a comunidade ou comunhão mais fundamental: a do casamento.
 - (3) De facto, há um sentido de comunhão que é inerente a quem somos na criação. Fomos criados como seres sociais. Considere novamente o facto científico de que um bebé deixado sozinho, morre dentro de algumas semanas, ainda que seja alimentado.
- 2) A comunhão é inerente a quem somos na Queda.
 - a) O homem é, por natureza, um ser social. Porém, na queda, a natureza do homem foi destorcida. Ele tornou-se alienado dos outros e de si mesmo.
 - b) Todavia, a comunhão é inerente a quem somos na queda por causa das coisas que temos em comum.
 - (1) Somos todos pecadores (Rm 3.23).
 - (2) Há apenas uma solução (Jo 14:6).
 - (3) Portanto, temos um problema **comum** e uma solução **comum**.
 - (4) Esta é uma base para a comunhão (considere 1Co 10:17). O mesmo se aplica no mundo.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Ilustração do autor:

Algumas das mais fortes comunidades ou grupos de pessoas têm-se formado à volta de um problema comum e de uma solução comum.

“Mães Contra Condutores Embriagados” é o nome de um projecto criado por uma mãe cujo filho foi atropelado mortalmente por um condutor embriagado.

“Equipas de Vizinhos Vigilantes do Crime”, são grupos de prevenção da criminalidade nos bairros.

Os russos e os americanos uniram-se durante a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais porque tinham um problema em comum, o seu inimigo chamado Hitler, e uma solução comum: “a vitória na guerra”.

Quanto mais não se deverá aplicar esta dinâmica de unir as pessoas dentro da Igreja? Temos um problema comum e uma solução comum de significado eterno e não de uma importância simplesmente temporal.

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- 3) A comunhão é inerente a quem somos em Cristo.
 - a) O propósito inicial que Jesus tinha para os Seus seguidores era ter comunhão com eles.
 - b) Estude outros dos propósitos em Mc 3:14 (estar com eles, e serem enviados a pregar).
 - (1) Note-se que a comunidade precede o evangelismo. A comunhão com Jesus e de uns para com os outros vem primeiro, porque, como já vimos, a comunhão é um fundamento do evangelismo.
 - (2) Lembre-se que, quando Jesus os chamou para estarem **com Ele**, não chamou um indivíduo, mas um grupo. Sim, este grupo deveria partilhar tudo. Eles tinham uma bolsa comum. Eles tinham um propósito comum. Eles partilhavam o seu tempo, as suas alegrias, as suas tristezas, as suas vitórias e as suas dores.
 - c) Estudar Jo 13:15.
 - (1) Jesus deu exemplo de como a comunidade deveria funcionar. Depois, disse aos membros da comunidade que deviam fazer as mesmas coisas.
 - (2) Jesus desenvolveu a ideia de comunidade (comunhão), deu exemplo de como esta deveria operar (serviço em humildade) e encorajou a comunidade a continuar. Mais tarde, Ele também enviou o Espírito que foi Aquele que capacitou a comunidade a prosseguir.

Ponto para discussão

Utilize os conceitos anteriores para promover outro debate acerca de como a comunhão é presumida na Palavra e inerente ao plano de Deus. Responda a quaisquer perguntas.

COMUNHÃO NA IGREJA

4. Conclusão à Necessidade de Comunhão na Igreja.
- a. Devemos repetir que a comunhão com Deus deve constituir a base para a comunhão com os outros cristãos (ver 1Jo 1:3).
- 1) Tal como a comunhão na Igreja precede o evangelismo, o conhecimento de Deus precede a comunhão na Igreja.
 - 2) Existe uma ordem definida de enumeração dos dois maiores mandamentos (ver Mt 22:37-39).
- b. Reveja o seguimento dos pontos anteriores.
- 1) A comunhão é **requerida** aos membros da família de Deus.
 - 2) Não se trata de um requisito de pouca importância. Trata-se de uma **prioridade**.
 - 3) Deve ser uma prioridade porque é **crucial** na vida da Igreja.
 - 4) É **essencial** no crescimento da Igreja.
 - 5) É tão crucial e essencial que é **presumida** na Palavra de Deus.
 - 6) É presumida porque é **inerente** a quem somos no plano de Deus.
- c. Portanto, para concluir esta parte sobre a necessidade da comunhão na Igreja: A comunhão é necessária porque é natural. Deveremos estar naturalmente em comunhão uns com os outros. Estamos na mesma família!

Notas -

Ponto para discussão

Faça um breve debate acerca de quaisquer perguntas ou comentários relacionados com a necessidade de comunhão na Igreja.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

C. A Natureza da Comunhão na Igreja.

1. Introdução: A natureza da comunhão na Igreja.
 - a. A comunhão cristã deve ter Cristo como o seu centro.
 - b. Deve ser um partilhar da vida de Cristo, a qual é identificada por três atributos-chave.
 - 1) A vida de Cristo é a vida da Cruz. Portanto, a nossa comunhão deve ser baseada na Cruz.
 - 2) A vida de Cristo era uma vida de partilha. Portanto, a nossa comunhão deve ser baseada na partilha (koinonia).
 - 3) A vida de Cristo era uma vida de relacionamentos. Portanto, a nossa comunhão deve ser baseada em relacionamentos.
2. Comunhão baseada na Cruz.
 - a. A Cruz traz o altruísmo.
 - 1) A vida de Jesus era uma vida de altruísmo (Mc 10:45).
 - a) A sua vinda foi um acto de altruísmo (Fp 2:6, 7).
 - b) A sua morte foi o auge do altruísmo (1Tm 2:6).
 - 2) Sem a negação do 'eu', a abnegação dos direitos e a morte para si próprio, é impossível ter comunhão cristã. Em vez disso, teremos tão somente uma comunidade humanística cristianizada.
 - a) A comunhão cristã é uma comunhão cujo centro é a Cruz, e baseada no "ágape", o amor incondicional de Deus. Esta comunhão edifica-se porque dá de si própria.
 - b) A comunhão humanista é uma comunhão na qual a Cruz não está presente, baseada no "phileo", o amor condicional humano. Ela destrói-se porque tira para si própria.

COMUNHÃO NA IGREJA

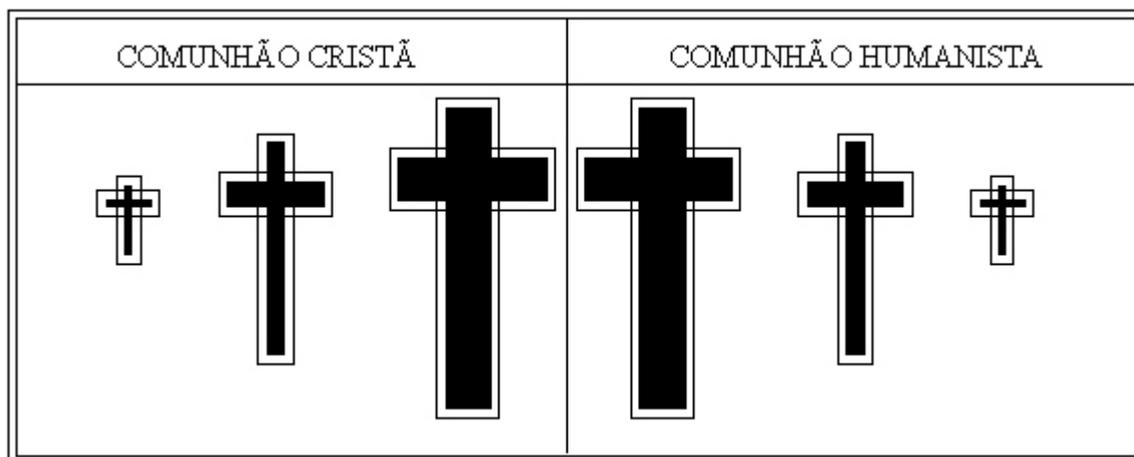
- 3) Uma comunidade cristã distingue-se pelo facto de os seus membros abdicarem dos seus próprios direitos em favor da comunidade.
- a) Isto não significa dizermos que não temos direitos. Significa que estamos prontos a abrir mão dos nossos direitos para o bem da comunidade (Ver Co 9:4-11, 12 e 2Ts 3:9).
 - b) Quando os direitos são mantidos de forma egoísta, então o serviço, o amor e a comunhão geralmente são deixados para trás.

Notas -

Insira a sua ilustração:

Ponto para discussão

Use o seguinte diagrama para promover um debate sobre a comunhão e o altruísmo.



Nota: Na comunidade cristã, a comunhão cresce porque a Cruz cresce. Uma “comunidade da Cruz” equivale a uma comunidade forte. À medida em que a morte para o ‘eu’ aumenta, a vida de comunhão também aumenta.

Nota: Na comunidade humanista, a comunhão diminui, porque a Cruz diminui. Uma “comunidade sem a Cruz” equivale a uma comunidade fraca e falsa. À medida em que a morte para o ‘eu’ diminui, a vida de comunhão também diminui. Sem a Cruz, a comunhão acabará por morrer.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- b. A Cruz traz o serviço.
 - 1) A comunhão baseia-se na Cruz de duas formas diferentes. Ambas as formas precisam de ser entendidas e praticadas.
 - 2) Se a abnegação for praticada sem serviço, corre-se o risco de caminhar para o misticismo. O cristianismo não deve estagnar na abnegação, mas prosseguir em serviço.
 - a) A comunidade cristã é uma comunidade direccionada para ‘os outros’.
 - (1) É uma comunidade cujos membros tentam preferir-se uns aos outros em honra (Rm 12:10).
 - (2) É uma comunidade cujos membros consideram os outros mais importantes do que a si próprios (Fp 2:3).
 - (3) É uma comunidade que enfatiza o bem do outro. Mais do que qualquer outra coisa, os seus membros deverão estar cientes das suas responsabilidades uns para com os outros e do seu desejo de dar prioridade ao outro.
 - b) Os seus membros imitam o seu Fundador que proferiu as palavras contidas em Mc 10:45.
 - (1) A autoridade natural desenvolve-se na comunidade através do serviço.
 - (2) A dominação e a opressão não fazem parte da comunidade.
 - c) E assim, a estrutura da comunidade é única. Os seus líderes são os seus servos. A autoridade assume o carácter do serviço.

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

Ponto para discussão

Notas -

Utilize os conceitos anteriores para promover um debate sobre a comunhão e o serviço.

3. A comunhão baseada na koinonia (partilha).
 - a. A palavra grega “koinonia” começa a ser usada após o dia de Pentecostes. Quando o grupo se reuniu em Actos 1, passou a ser usado um novo termo grego.
 - 1) Após o dia de Pentecostes, a palavra “koinonia” passou a ser usada para descrever a comunhão dos crentes.
 - 2) A única maneira de ter o tipo de comunhão exigido no Novo Testamento é tê-lo no poder do Espírito evidenciado por vidas transformadas.
 - b. O termo grego “koinonia” pode ser definido como “ter todas coisas em comum”.
 - 1) Temos um problema comum e uma solução comum (1Co 10:17 usa a palavra “koinonia”).
 - 2) O entendimento desta “situação comum” como uma base para a “koinonia” foi o que motivou a carta a Filemom.
 - 3) O coração da koinonia é o partilhar.
 - 4) Temos uma fé partilhada (Ti 1:3), uma graça partilhada (Fp 1:7) e uma salvação partilhada (Jd 3). Estas coisas formam o fundamento da koinonia.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

nossos

muito
mesmas
nossas

5) O partilhar dos bens materiais não era uma lei. Era um desejo. Não era feito por obrigação. Era feito porque se considerava um privilégio (ver Actos 2:43-47 e 4:32-35).

a) A ideia de koinonia é muito completa. Implica partilhar em todas as áreas da vida. David Watson apresenta o seguinte desafio:

“Esta espantosa afirmação põe a descoberto a superficialidade da comunhão em muitas igrejas dos dias. É interessante notar que a “koinonia” ocorre mais frequentemente num contexto de partilha de dinheiro ou posses do que em qualquer outro contexto. Significa mais do que cantar os mesmos hinos e participar nas reuniões da igreja. Implicará o cometimento total das vidas e de tudo o que temos de uns para com os outros.”⁸

b) A comunidade cristã de hoje deve desafiar a si própria com as palavras de Actos 4:32.

(1) A partilha de bens era uma efusão de amor. Era uma resposta lógica a uma fé sincera e ao saber-se parte de uma mesma família. Os membros de uma família partilham as suas coisas. Eles partilham tudo.

(2) A partilha de bens era um reconhecimento e uma manifestação da unidade que os cristãos primitivos conheciam em Cristo através do Espírito.

(3) Para que haja comunhão verdadeira, devemos estar de acordo em que o nosso irmão tem direitos iguais às coisas que o Pai nos confiou (reveja Actos 4:32).

a) A prática da partilha de posses não deverá ser forçada (comunismo). Não constitui um fim em si mesma. Não é uma alvo.

b) Antes, é uma resposta natural do conhecimento sincero do verdadeiro relacionamento de irmãos e irmãs filhos do mesmo Pai.

COMUNHÃO NA IGREJA

Insira a sua ilustração:

Notas -

Ponto para discussão

Utilizando os conceitos anteriores, promova um debate sobre a comunhão e a partilha.
Responda a eventuais perguntas.

4. A comunhão baseada no relacionamento.
 - a. A palavra relacionamento é uma palavra íntima. Especialmente entre os cristãos, o seu significado e a sua manifestação devem evitar o superficial. Deve ser real.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Ilustração do autor:

Alguns cristãos pensam que relacionamento significa simplesmente comer gelado juntos. Em muitas igrejas dos Estados Unidos da América, as reuniões de convívio (comunhão) consistem em os irmãos comerem gelados após o culto de Domingo.

Às vezes, perde-se tanto tempo a comer gelados em cone que não sobra tempo para ministrar àqueles no nosso meio que estão a sofrer.

Insira a sua ilustração:

- 1) A comunhão cristã deve ser pessoal, íntima e real.
- 2) Devemos ir além das preocupações superficiais e casuais. Devemos familiarizar-nos com a vida uns dos outros. De que outra maneira poderemos compadecer-nos (= sofrer com) o nosso irmão?
- 3) A nossa comunhão com Deus é íntima. Falamos com Deus do íntimo das nossas almas. Da mesma forma, o nosso relacionamento uns com os outros deve também ser íntimo.

COMUNHÃO NA IGREJA

- b. Uma das maneiras mais rápidas de destruir a comunhão é basear os nossos relacionamentos no cumprimento de tarefas.
- 1) Não podemos ter relacionamentos íntimos e verdadeiros quando a principal razão para nos reunirmos é o mero cumprimento de uma tarefa ou a realização de um projecto.
 - 2) A razão principal para nos reunirmos deve ser sempre ter comunhão com Deus e uns com os outros. Devemos reunir-nos como irmãos e irmãs que desejam o bem uns dos outros buscando a vontade do Pai.
 - 3) Quando a razão principal para nos reunirmos é o cumprimento de uma tarefa, invertemos a ordem do Evangelho. As obras são colocadas à frente da fé, enquanto deveria ser o contrário.
 - a) Jesus quis ter um relacionamento profundo com os Seus discípulos. Ele não promoveu conhecimentos casuais ou “relacionamentos de trabalho”.
 - b) O grande erro do cristianismo ocidental é o facto de se dar ênfase à quantidade de membros nas igrejas, enquanto o alvo de Jesus era que a comunidade abundasse em crentes com um coração cheio de amor.
 - (1) Em alguns dos nossos maiores cultos, nunca repararíamos se 75% das pessoas que estiveram na reunião anterior estavam presentes se as mesmas fossem simplesmente substituídas por outras em igual número. Quando olhamos para os membros da comunidade como apenas representando um lugar a preencher, então, necessariamente, estaremos a perder a verdadeira comunhão nas nossas igrejas.
 - (2) O resultado é uma ênfase em lugares preenchidos (haver muitas pessoas presentes) em vez de vidas preenchidas (com o Espírito de Deus).
 - c) Isto não acontece numa igreja que entende o que implicam relacionamentos reais, íntimos e pessoais. Os membros da comunidade devem interagir e partilhar as suas vidas. Não basta encontrarem-se e partilharem um edifício.

Notas -

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Insira a sua ilustração:

Ponto para discussão

Utilizando os conceitos anteriores, promova um debate sobre a comunhão e os relacionamentos. Para si, o alvo das reuniões é apenas realizar uma tarefa ou ter relacionamentos mais profundos.

- c. De que maneira podemos promover e experimentar relacionamentos reais quando nos juntamos para ter comunhão uns com os outros?
 - 1) Temos de nos conscientizar que a comunidade cristã é constituída por um povo “chamado”, por membros de uma aliança. Esta aliança é com o Pai e uns com os outros.
 - 2) Temos de tornar esta aliança algo concreto e definido. Para fazermos isto, devemos fazer uma aliança com um pequeno grupo de crentes.
 - a) Um grupo pequeno é necessário para que a comunhão se torne concreta, real, pessoal e íntima.
 - b) Pensar que podemos ter esse tipo de relacionamento com 500 pessoas é fazer da comunhão uma teoria utópica e não uma realidade.

Ponto para discussão

Discuta em breves palavras perguntas ou comentários relacionados com a natureza do relacionamento na igreja.

COMUNHÃO NA IGREJA

D. A Negligência da Comunhão na Igreja.

Notas -

1. Impedimentos gerais à comunhão.
 - a. Individualismo (principalmente uma vulnerabilidade das igrejas carismáticas). Nega a existência da comunhão.
 - 1) O individualismo pode bloquear a nossa capacidade de considerar as necessidades dos outros mais importantes do que as nossas (Fp 2:3).
 - 2) Pode bloquear a nossa capacidade de levar as cargas uns dos outros (Gl 6:2).
 - 3) Pode bloquear a nossa capacidade de nos submetermos aos outros (Ef 5:21).
 - 4) Pode bloquear a nossa capacidade de preferirmos uns aos outros em honra (Rm 12:10).
 - b. Institucionalismo (principalmente uma vulnerabilidade das igrejas tradicionais).
 - 1) Pode negar o fluir de uma comunhão natural ao tentar regulamentá-la ou forçá-la.
 - 2) Tenta fazer da comunhão uma fórmula ou receita.
2. Medos específicos que impedem a comunhão.
 - a. O medo da dependência.
 - 1) A cultura ocidental coloca uma ênfase tão elevada sobre o ser-se independente que ser-se dependente é considerado uma fraqueza.
 - 2) Porém, a verdadeira comunhão bíblica aceita e deseja a dependência mútua dos seus membros.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Ilustração do autor:

O pé reconhece imediata e naturalmente a sua dependência da mão somente quando é altura de descalçar os sapatos.

O olho não põe em causa a sua dependência da boca quando vê algo que lhe parece saboroso.

O reconhecimento e a aceitação da unidade na diversidade dentro do Corpo de Cristo é essencial para a verdadeira comunhão e também para um evangelismo e um testemunho eficazes.

Insira a sua ilustração:

- 3) Jerry Horner escreve o seguinte no seu livro “Living in the Family”:

“Quando os cristãos se humilham ao ponto de dar e receber uns dos outros, vendo-se mutuamente num círculo de interdependência, o testemunho da Igreja ao mundo será irresistível.”⁹

Ponto para discussão

Discuta acerca dos problemas que advêm da prontidão para permitir ou reconhecer a dependência uns dos outros.

COMUNHÃO NA IGREJA

b. O medo do compromisso.

- 1) A comunhão sem uma clara declaração de compromisso é como um casamento sem os votos matrimoniais. Nenhuma das partes resistirá às tempestades quando estas vierem.
 - a) Um casamento constrói-se sobre a base da aliança e do compromisso.
 - b) Um marido e uma esposa não precisam decidir em que situação se ajudarão mutuamente. Eles já tomaram essa decisão na aliança que fizeram entre si.
- 2) Como cristãos, devemos estar cientes de que temos um compromisso uns para com os outros.
- 3) Temos de fazer este compromisso com todos os cristãos, nomeadamente de forma clara, concreta, específica e prática com um pequeno grupo de cristãos.
 - a) Não podemos criar este compromisso, porque ele já existe. Temos de o aceitar activamente.
 - b) Não nos esforçamos para ter um compromisso. Rendemo-nos ao facto de que temos um compromisso.
 - c) Alguns cristãos poderão dizer: “Eu não quero comprometer-me com este ministério ou com aquela disciplina espiritual”. A realidade é que, sendo cristãos, já estão comprometidos com outros cristãos. Eles têm de escolher aceitar ou rejeitar esse compromisso.

Notas -

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Ponto para discussão

A sua cultura ou educação fazem com que seja difícil para si estabelecer compromissos e cumpri-los? Debata sobre este problema comum.

c. O medo da confissão.

1) A confissão dos pecados uns aos outros (Jr 5:16) é uma parte essencial da comunhão (como se tem verificado em muitos, se não todos os avivamentos na história da Igreja).

2) As únicas vezes em que a palavra “igreja” aparece nos evangelhos é inserida no contexto da confissão e falta de confissão (ou ligar e desligar).

a) Estudar Mt 16:18 e 18:17.

b) O poder da comunhão (Mt 18:19) é visto também no contexto da confissão.

3) Dietrich Bonhoeffer diz no seu livro “Life Together”:

“Quem está sozinho com o seu pecado, está realmente sozinho. Na confissão, dá-se a manifestação da comunhão.”¹⁰

a) Com toda a certeza isto é verdadeiro no nosso relacionamento com Deus.

b) Também o é no nosso relacionamento uns com os outros. Fortes laços de comunhão são criados no meio da confissão dos pecados.

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

- 4) Os cristãos permanecem sozinhos no seu pecado por causa da reacção de justiça própria por parte da Igreja quando o pecado é exposto.
- 5) Há uma atitude doentia e hipócrita relativamente ao pecado em algumas partes da Igreja.
- a) Muitas vezes, quando alguém confessa um pecado, os outros deixam de ter contacto com essa pessoa. Que ironia! Na Igreja do Novo Testamento acontecia o oposto. Era exactamente quando alguém recusava confessar os seus pecados que se evitava o contacto com essa pessoa.
- (1) No Novo Testamento entende-se que os membros da Igreja são pecadores (1Jo 1:8).
- (2) Entende-se ainda que eles necessitam de confessar os seus pecados (1Jo 1:9).
- (3) Além disso, entende-se que precisam confessar os seus pecados uns aos outros (Jr 5:16).
- b) A atitude doentia é consequência de um falso sentimento de pureza e justiça.
- (1) Somos impuros. Jesus é puro e justo. É apenas com Jesus em nós que podemos ser feitos puros e justos.
- (2) Todos estão destituídos da glória ou da “perpétua presença” de Jesus nas suas vidas. Ou seja, todos os cristãos deixam Jesus fora das suas vidas às vezes. Portanto, todos os cristãos pecam a um certo nível. Assim, todos os cristãos necessitam de confessar os seus pecados.
- (3) Isto não deve ser um grande choque para nós. A nossa reacção não deve ser de surpresa dissimulada. Somos todos pecadores e precisamos de confessar os nossos pecados.

Notas -

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Insira a sua ilustração:

Ponto para discussão

Como reage quando alguém lhe confessa um pecado? Muda de opinião acerca da pessoa por causa do seu pecado? Existe um ambiente na sua igreja que favorece a confissão de pecados? Está disposto a iniciar se for necessário?

- 6) Se não tirarmos as nossas máscaras (deixarmos de tentar esconder as nossas faltas) e aceitarmos o facto de que temos uma natureza pecaminosa, não seremos capazes de criar um ambiente na igreja propício à existência de uma comunhão transparente. Não seremos capazes de confessar os nossos pecados uns aos outros.

- a) David Watson proferiu estas palavras de verdade:

“A comunhão genuína acontece quando os cristãos param de se relacionar mutuamente como pretensos santos e se aceitam uns aos outros como pecadores injustos.”¹¹

COMUNHÃO NA IGREJA

- b) Algumas doutrinas dizem que a confissão de pecados é uma negação da fé.
- (1) Algumas formas extremistas da “doutrina da prosperidade”, “doutrina da vitória” e “doutrina da **confissão** positiva” não levam em conta a confissão de pecados.
 - (2) Dizem que seria uma confissão “negativa”. Dizem que confessar pecados é negar quem somos pela fé. Dizem que devemos olhar sempre para a vitória e desviar o nosso olhar das derrotas.
 - (3) Estas doutrinas dão tanta importância à vitória na vida do crente que parecem esquecer quem é **o vitorioso**. É Jesus em nós. Somos vitoriosos nEle.
- c) Confessar pecados não é negar a fé, porque a nossa fé não é em nós próprios.

Notas -

Ponto para discussão

A sua formação cristã desencoraja a confissão de pecados aos outros crentes? Consegue ver como isso impede uma comunhão verdadeira não só com os outros, mas também com Deus? Discuta esta questão.

- 7) A comunidade da confissão deve ser uma comunidade disposta a correr riscos. Deve ser uma comunidade aberta e transparente.
- a) Muitos cristãos temem tais ideias e palavras. É um risco ser-se transparente . Porém, a alternativa é fechar as janelas das nossas vidas. Podemos viver na mesma rua, mas ninguém sai de casa nem deixa ninguém entrar.
 - b) Não devemos permitir que o medo de sermos mal-interpretados e ofendidos nos impeça de confessarmos os nossos pecados uns aos outros.
 - c) A maneira de o fazermos é morrendo para nós próprios. Uma pessoa sem ‘ego’ não pode ser ofendida porque já não há ‘ego’ que possa ser ofendido.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Insira a sua ilustração:

Ponto para discussão

Você consegue ser vulnerável e transparente? Pode encorajar outros a serem abertos e confessarem os seus pecados se der um exemplo contraditório? Discuta estes pontos.

B. Conclusão sobre a Necessidade, a Natureza e a Negligência.

1. Talvez se nos concentrarmos na ideia de que comunidade não é um ideal mas um facto já estabelecido, deixaremos que a verdadeira comunidade e comunhão aconteçam.
 - a. Nós não temos de criar comunhão. Nós já somos uma comunhão.
 - b. Como em muitos aspectos da nossa caminhada com Cristo, devemos parar de lutar com as nossas próprias forças e começar a render-nos. Temos de deixar de querer criar algo e começar a obedecer a Alguém.
 - 1) Temos de deixar de tentar criar e começar a aceitar o que já foi criado pelo Criador.
 - 2) Temos de parar de sonhar com uma comunidade ideal e começar a viver na que já existe.

COMUNHÃO NA IGREJA

2. Não podemos esquecer-nos de que a comunhão com o Pai implica termos comunhão com os Seus filhos. Uma coisa não pode existir sem a outra.
- a. Temos de aceitar os nossos irmãos tal como eles são, ainda que sejam muito diferentes de nós. Esta é uma regra básica da família. Um irmão não se nega a relacionar-se com a sua irmã por causa de “diferenças de personalidade” (considere Rm 15:7).
 - b. Parece que nos unimos mais facilmente à comunhão da carne, que é passageira, do que à comunhão do Espírito, que é eterna. A comunhão na nossa família carnal é importante e necessária, mas é ainda mais importante e necessária na nossa família espiritual.
 - 1) Temos de ter uma atitude eterna. Temos de começar a viver agora na comunidade em que viveremos durante toda a eternidade.
 - 2) Tão certo como o Reino de Deus está no nosso meio, a comunidade de Deus está ao nosso alcance. A comunhão cristã é possível em Cristo.

Notas -

Ponto para discussão

Discuta brevemente perguntas ou comentários relacionados com a negligência da comunhão na Igreja. Conclua qualquer discussão relacionada com a necessidade, a natureza ou a negligência da comunhão na Igreja.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

IV. Uma aplicação para os dias de hoje: Comunhão cristã e tribalismo.

A. Apresentação.

1. Definição de tribalismo.

- a. Na África Central existem muitas tribos diferentes. Por exemplo, há os Batusi e os Bahutu.
 - 1) Os Batusi são mais altos do que os Bahutu. Eles são fisicamente superiores aos Bahutu a quem têm menosprezado durante várias gerações. Até certo ponto, eles têm controlado os Bahutu. Os Bahutu têm um ódio histórico aos Batusi.
 - 2) Os Batusi e os Bahutu não gostam uns dos outros. A lealdade para com a própria tribo aumenta o ódio à outra tribo. Eles estão separados pela ideia que têm uns dos outros e pela dinâmica da lealdade/ódio.
 - 3) Isto chama-se tribalismo.
 - a) Na Índia, isto chama-se 'sistema de castas'.
 - b) Na África do Sul, chamava-se 'apartheid'.
 - c) Nos Estados Unidos, chama-se 'discriminação das minorias'.
 - d) Na Igreja, chama-se 'denominacionalismo'.

COMUNHÃO NA IGREJA

- b. Independentemente do nome que possa ter, o preconceito ou a discriminação procede da mesma mistura de pecados.
- 1) Procedem do egoísmo e do orgulho enraizados na insegurança.
 - 2) Onde quer que este pecado se encontre, as consequências são as mesmas.
 - a) Divisão.
 - b) Desunião.
 - 3) No mínimo, o tribalismo pode destruir a oportunidade de uma comunhão autêntica.

Ponto para discussão

É capaz de ver como os nossos preconceitos étnicos, culturais, sociais e até mesmo deno-minacionais são idênticos ao tribalismo? Reconhece isto como pecado? Está preparado para afirmar-se como um exemplo de alguém que não apoia tais preconceitos ou discriminações?

2. Os conceitos de comunhão cristã e tribalismo não podem coexistir.
 - a. O tribalismo tem uma força muito grande em África, ‘abastecendo’ os vários e diversos grupos de povos com uma forma de identidade e orgulho.
 - 1) O tribalismo afecta negativamente a Igreja e abranda o progresso do Evangelho.
 - 2) Quando o tribalismo é praticado dentro das igrejas, destrói a unidade que Jesus deseja (Jo 17:20,21).

Notas -

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Comentário do autor:

Vi os efeitos do tribalismo nas igrejas africanas. Vi como um homem que tinha o mesmo emprego e melhores qualificações que outro era tratado de maneira diferente por causa da discriminação tribal. Ele recebia a metade do ordenado e nenhum dos privilégios que tinham outros que exerciam as mesmas funções (eram funções dentro da igreja).

- b. Ensinar e entender a ideia de comunhão cristã pode ser usado para destruir o espírito de tribalismo que pode existir em diferentes formas, e com diferentes nomes em igrejas por todo o mundo.
- c. O resto do curso irá sugerir vários pontos de ensino que podem ser usados para promover a comunhão e acabar com o tribalismo na Igreja.

Insira a sua ilustração:

B. Lealdade.

- 1. O tribalismo moderno é uma grande força social. Muitas vezes resulta numa lealdade maior à tribo do que ao próprio país.
 - a. Por exemplo, esta é a realidade do que tem acontecido nos países da Comunidade de Estados Independentes e na ex-Jugoslávia. Grupos diferentes de pessoas com uma lealdade maior ao seu “povo” do que ao seu próprio “país” separaram-se do controlo do país único.
 - b. Com respeito à Igreja, o problema dá-se quando um cristão tem mais lealdade à sua tribo do que à sua fé e à sua igreja.

COMUNHÃO NA IGREJA

2. Deve haver uma renovação da mente (Rm 12:2) relativamente à lealdade.
 - a. Os cristãos africanos devem conscientizar-se de que são novas criaturas e que **todas** as coisas se fizeram novas (2Co 5:17).
 - b. Os cristãos são chamados a uma nova lealdade.
 - 1) Isto não significa que não possam demonstrar lealdade à sua família e à sua tribo.
 - 2) Significa que a sua nova lealdade a Cristo deve ser muito superior à sua antiga lealdade à tribo a que pertencem.
3. A lealdade tribal existe em três níveis:
 - a. Lealdade à família.
 - b. Lealdade ao chefe.
 - c. Lealdade à comunidade tribal.
4. Deve haver uma renovação da mente em cada um destes níveis.
 - a. Relativamente à família, a lealdade a Cristo deve ser tão superior à lealdade à família que Lc 14:26 seja uma realidade - “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também à sua própria vida, não pode ser meu discípulo.”
 - 1) Isto não quer dizer que os cristãos não tenham amor, respeito e lealdade às suas famílias. (Ver Mc 7:10 e 1Tm 5:8).
 - 2) Todavia, deve haver uma lealdade maior a Cristo e à Sua família.

Notas -

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- b. Com relação ao chefe tribal e ao governo, o cristão africano deve ser capaz de declarar o que está escrito em Actos 5:29 - “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens!”
 - 1) Isto não quer dizer que os cristãos não obedeçam às autoridades e aos governantes (ver Rm 13:1-7).
 - 2) Todavia, há uma maior lealdade a Cristo e ao governo do Reino de Deus.
- c. Com relação à comunidade tribal, o cristão africano deve concordar com a prioridade mencionada em Gl 6:10 - “Então, quando temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé”.
 - 1) Isto não quer dizer que os cristãos deixem as suas tribos, nem que os cristãos não ajudem o seu próprio povo.
 - 2) Todavia, há uma maior lealdade a Cristo e à comunidade cristã.
- d. A lealdade à tribo e ao chefe não deve mudar, mas as prioridades inerentes à ideia de lealdade. Há uma lealdade maior, porque há uma cidadania superior (Ef 2:19; Fp 3:20).

Insira a sua ilustração:

Ponto para discussão

Utilize os conceitos anteriores para debater sobre a resposta do cristão à prioridade na lealdade à família, ao governo e à comunidade.

COMUNHÃO NA IGREJA

C. Implicações de Uma Família.

Notas -

1. Em Ef 2:19 e Gl 6:10, repete-se uma palavra muito importante no estudo da comunhão cristã. A palavra família aponta para uma “unidade” do povo de Deus.
 - a. Em Ef 2:11-22, Paulo especifica esta ideia ao explicar que há apenas **uma** (tribo) em Cristo.
 - b. Isto torna impossível a prática do preconceito e da discriminação, uma vez que deve haver, no mínimo, dois grupos. Um grupo discrimina outro grupo. Se há apenas **um** grupo, a discriminação é impossível.
 - c. Portanto, o tribalismo não é possível dentro da Igreja porque, para existir tribalismo, é necessário que haja duas tribos. O Evangelho fez de todas as tribos **uma só**.
2. O corpo **Uno** de Cristo.
 - a. Em Ef 2:14, Paulo escreve acerca de dois grupos serem feitos um “derrubando a parede de separação que estava no meio”.
 - 1) Jamais houve em toda a história maior tribalismo do que o que existia entre as tribos de Israel e as tribos dos gentios.
 - 2) Eles odiavam-se uns aos outros. Todavia, na Igreja Primitiva, eles precisavam de se conscientizar de que Cristo veio para derrubar a parede que os separava.
 - 3) Também nós devemos permitir que Cristo derrube qualquer parede que nos divida. As barreiras raciais e tribais representam paredes que devem ser derrubadas.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- b. Em Ef 2:16, Paulo escreve acerca da consequência do facto de Cristo ter derrubado estas paredes.
 - 1) A consequência é que há apenas **um** corpo.
 - 2) Mais uma vez, reflecta sobre a verdade contida nas seguintes palavras: **O tribalismo** (discriminação e preconceito) **precisa de, no mínimo, dois grupos para existir, não sendo possível a sua existência no corpo uno de Cristo. Ninguém pode discriminar-se a si próprio.**
 - 3) Considere de que maneira o princípio de Ef 5:28, 29 pode aplicar-se a esta verdade.
 - c. Estudar Ef 4:4-6. Note-se como Paulo repete e enfatiza a ideia de “unidade”.
 - d. Estudar 1Co 10:16, 17.
 - 1) Repare como Paulo repete e enfatiza a ideia de “unidade”.
 - 2) A palavra “porque” (vs. 17) apresenta a razão pela qual não pode existir tribalismo dentro da Igreja. É porque todos os cristãos são participantes de um só pão. Há uma só cruz.
 - 3) Portanto, a ênfase recai sobre aquilo que os cristãos têm em comum e partilham entre si, não as coisas que são diferentes e partilhadas.
3. **Uma só** família de Deus.
- a. Devemos incluir a ideia do novo nascimento.
 - 1) O tribalismo é consequência do nascimento carnal. Nascemos numa tribo que odeia outra tribo. Portanto, odiamos a outra tribo.
 - 2) A comunhão na Igreja é consequência do nascimento espiritual. Os cristãos nascem na mesma família.
 - a) Um batusi nasce batusi. Um bahutu nasce bahutu. Cada um nasce dentro do tribalismo.
 - b) Um batusi nasce de novo como cristão. Um bahutu nasce de novo como cristão. Eles nascem de novo dentro de uma comunhão.

COMUNHÃO NA IGREJA

Ponto para discussão

Notas -

Discuta e responda perguntas relacionadas com o conceito de “unidade”.

D. A Ceia do Senhor.

1. Estude 1Co 11:17-34. Um estudo e compreensão específicos desta passagem podem ser usados de forma bastante eficaz para promover a comunhão face à ameaça do tribalismo (ou qualquer outra forma de preconceito e discriminação).
 - a. Na Igreja do Novo Testamento, a Ceia do Senhor era muitas vezes servida no contexto da “festa do amor ágape”.
 - 1) Todavia, na Igreja dos Coríntios, o ambiente de comunhão e amor foi substituído por divisão e egoísmo.
 - 2) P. Theissen, no seu livro “The Social Setting of Pauline Christianity”, escreve as seguintes palavras acerca da situação da Igreja de Corinto:

“A Ceia do Senhor, em vez de ser a base para a unidade do corpo de Cristo, corre o risco de se tornar numa ocasião em que se demonstrem diferenças sociais.”¹²
 - 3) A base destas diferenças é semelhante à base das diferenças que levam as tribos ao tribalismo.
 - a) Havia um efeito de divisão na maneira como os coríntios viam os seus líderes.
 - (1) Estude as implicações de 1Co 11:18, 19, 1Co 1:12, e 3:3-5.
 - (2) Os africanos poderiam chamar Apolos, Cefas e Paulo de “chefes”.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

b) Havia divisões económicas.

- (1) Considere 1Co 1:26; 7:20-24; e 12:13. Alguns dos crentes de Corinto eram escravos ou ex-escravos e poucos de origem nobre. Provavelmente muitos eram muito pobres.
- (2) Considere Rm 16:23 e Actos 18:8. Ao mesmo tempo, alguns dos crentes de Corinto provavelmente eram muito ricos. Gaio tinha os meios económicos para hospedar toda a igreja. Erasto era o procurador da cidade. Crispo era o líder da sinagoga.
- (3) O tribalismo pode ser consequência de divisões económicas.

c) Havia divisões religiosas.

- (1) A Igreja de Corinto incluía tanto Judeus como Gentios.
- (2) O tribalismo pode ser consequência de diferentes credos religiosos.

b. Em meio às diferenças sociais, Paulo usou a Ceia do Senhor para ensinar acerca da unidade. Os cristãos contemporâneos podem fazer a mesma coisa. O tribalismo na igreja pode ser destruído através do ensino e da prática da Ceia do Senhor.

Ponto para discussão

Discuta de que maneira as questões da divisão do primeiro século ainda estão relacionadas com os nossos dias.

COMUNHÃO NA IGREJA

2. Reveja 1Co 11:17-22. Paulo estava a repreender os coríntios pela maneira como realizavam a Ceia do Senhor (vs. 17, 22).
- Nos clubes sociais daquela época, havia festas organizadas onde os membros do clube se reuniam para comer. A comida era servida a cada um dos membros de acordo com o seu estatuto social. Durante as festas, alguns membros comiam mais e melhor do que outros.
 - O mesmo estava a acontecer na ‘festa do amor’ dos coríntios quando era servida a Ceia do Senhor. Os cristãos mais ricos comiam e bebiam até ficarem “cheios”, enquanto os cristãos mais pobres não recebiam nada (veja novamente 1Co 11:17-22 com o vs. 33, 34).
 - A Ceia do Senhor tornou-se numa manifestação de desigualdade em vez de uma celebração de unidade.
 - Portanto, quando eles se reuniam, não era para tomarem a Ceia do Senhor. Na verdade, a maneira como celebravam a Ceia do Senhor negava a própria Ceia. Era uma contradição.
 - Estude o seguinte diagrama para ver de que maneira Paulo descreve esta contradição em 1Co 11:17-22.

Notas -

Versículos	A Contradição	Comentários
18	REUNIR-se como IGREJA DIVISÕES	As ideias de “igreja” e “unidos” não são coerentes com a ideia de “divisão”.
20,21	Ceia do SENHOR A PRÓPRIA ceia	O egoísmo nega o espírito de celebração.
21	FAMINTOS EMBRIAGADOS	A desigualdade nega a essência da celebração.
17	MELHOR PIOR	A trágica realidade

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- 3) Seja em Corinto, em África ou em qualquer parte do mundo, a desunião, o egoísmo e a desigualdade não são coerentes com a celebração da Cruz que trouxe a unidade, o altruísmo e a igualdade.
3. Qual o sentido do termo “indignamente” (vs. 27)?
 - a. “Indignamente” é a tradução da palavra grega ‘anaxios’, formada pelo prefixo ‘an’ e o radical ‘axios’.
 - 1) ‘Axios’ significa nivelar os dois lados da balança ou produzir igualdade. Igualdade é a ideia central.
 - 2) ‘An’ significa ‘não’.
 - 3) Portanto, o termo ‘anaxios’ significa “não igual” ou “desequilibrado”.
 - b. Tomar a Ceia do Senhor indevidamente é tomá-la de forma desigual. Representa aqueles que tomavam a Ceia do Senhor com uma atitude de preconceito ou discriminação.
 - 1) C. K. Barrett, no seu livro “A Commentary on the First Epistle to the Corinthians”, escreve:

“Comer e beber indignamente é contradizer tanto o propósito da oferta ou sacrifício pessoal de Cristo como o espírito em que isto foi feito.”¹³
 - 2) A morte de Cristo (que deve ser o objectivo da celebração da Ceia do Senhor) trouxe unidade, igualdade e o fim da discriminação (Ef 3:6).

COMUNHÃO NA IGREJA

- 3) O espírito da Sua morte foi de sacrifício, amor e abnegação.
- a) Alguns dos crentes de Corinto estavam a celebrar a Ceia do Senhor de uma forma completamente oposta a este espírito.
- (1) Em vez de sacrifício, estavam a “empazinar-se”, enquanto outros voltavam para casa famintos.
 - (2) Em vez de amor, demonstravam indiferença para com os seus irmãos.
 - (3) Em vez de abnegação, estavam a negar os outros.
- b) Tomar a Ceia do Senhor em atitudes e acções semelhantes é pecar contra o corpo e o sangue de Cristo. Era desprezar a obra da Cruz e subestimar a sua própria redenção.

Notas -

Ilustração do autor:

Tomar a Ceia do Senhor numa atitude de egoísmo e preconceito equivaleria a dar um jantar em honra do Dr. Martin Luther King (que deu a sua vida pela causa da igualdade de direitos dos negros) e mandar que todos os negros ficassem sentados ao fundo.

O jantar **por** Martin Luther King seria **contra** ele (ver 1Co 11:17).

Seria, na verdade, um insulto ou pecado contra o sangue que ele derramou (ver 1Co 11:27).

O jantar seria **indigno** do Dr. Martin Luther King, através do qual ele seria escarnecido (ver 1Co 11:27).

Insira a sua ilustração:

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

- c) O tribalismo e a Ceia do Senhor não se misturam. O tribalismo é **indigno** da Ceia do Senhor.
 - 1) O preconceito do tribalismo é consequência do orgulho egoísta. A Ceia do Senhor é consequência da humildade altruísta (Fp 2:3-8).
 - 2) O preconceito do tribalismo é consequência da insegurança. A Ceia do Senhor é consequência da segurança (Jo 13:1-3).
1. O que significa “não discernindo o corpo” (vs. 29)?
- a. O contexto geral é 1Co 10:17, onde o corpo é a Igreja ou os crentes.
 - b. O conceito imediato relaciona-se com as acções de diferentes membros da igreja ou do “corpo”.
 - 1) Não discernir o “corpo” é pré-julgar (prejuízo) os membros da igreja incorrectamente.
 - 2) É agir com discriminação contra outro igual membro do “corpo” pelas suas acções ou atitudes.
 - 3) O resultado é o juízo (ver vs. 29, 30).
 - c. As acções e atitudes do tribalismo não discernem o corpo. O resultado é o mesmo hoje como há 2000 anos atrás. O resultado é o juízo.

COMUNHÃO NA IGREJA

2. Sumário e conclusão acerca da comunhão cristã e do tribalismo.

Notas -

a. Sumário.

- 1) Paulo declara o abuso na Ceia do Senhor em vs. 17-22.
- 2) Ele reforça a gravidade do abuso expondo-o à luz da verdadeira prática da Ceia do Senhor (vs. 23-26).
- 3) Ele define as implicações e consequências do abuso (vs. 27-32).
- 4) Ele dá instruções sobre como acabar com o abuso (vs. 33, 34).
- 5) Estas instruções podem ser parafraseadas para os cristãos africanos que praticam o tribalismo - “Se alguém é de uma tribo diferente, que deixe os seus preconceitos em casa de modo a que não vos ajunteis para vos julgardes mutuamente.”

b. Conclusão.

- 1) Muitas pessoas acham que não há solução para os problemas do tribalismo em África. Os governos oficiais dos vários países africanos não ofereceram qualquer alternativa ao tribalismo.
- 2) O cristianismo é a única alternativa. As divisões do tribalismo devem ser substituídas pela unidade da Cruz. A única maneira de isto acontecer é através da comunhão da Igreja.
- 3) De igual forma, a unidade da Cruz aplica-se às outras formas de preconceito e discriminação que são praticadas em todo o mundo. O cristianismo e a verdadeira comunhão da igreja representam uma solução global para estes problemas.

Ponto para discussão

Discuta comentários ou perguntas relacionadas com o estudo da comunhão cristã e o tribalismo.

COMUNHÃO NA IGREJA

Notas -

Comunhão na Igreja: Notas finais

¹ Michael P. Green, ed. Illustrations for Biblical Preaching (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989), p.225.

² Ralph Martin, The Family and the Fellowship (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1979), p. 15

³ David Watson, Called and Committed (Wheaton, Ill: Harold Shaw Publishers, 1982), p. 30.

⁴ Howard Snyder, The Community of the King (Downers Grove, Ill: Inter-Varsity Press, 1977), p. 74.

⁵ Ibid., p. 74

⁶ Watson, p. 18.

⁷ Ibid., p. 20.

⁸ Ibid., p. 24

⁹ Jerry Horner, Living in the Family (Lamp Press, 1982), p. 35.

¹⁰ Dietrich Bonhoeffer, Life Together (New York, N.Y.: Harper and Row Publishers, 1954), pp. 110, 112.

¹¹ Watson, p. 31.

¹² P. Theissen, The Social Setting of Pauline Christianity (Philadelphia: Fortress Press, 1982), p. 160.

¹³ C.K. Barrett, A Commentary on the 1st Epistle to the Corinthians (N.Y.: Harper and Row, 1968), p. 272, 273.

COMUNHÃO NA IGREJA